

FAÇAMOS DIFERENTE: Experiências didáticas na disciplina “Ética e Legislação Jornalística” em cursos de Jornalismo no Estado de Mato Grosso

Gibran Luis LACHOWSKI¹

Rafael Rodrigues Lourenço MARQUES²

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Mato Grosso

Resumo

As experiências didáticas narradas a seguir – híbridas, e que em certo sentido apontam para ineditismos em sua arena de atuação – se orientam pelo entendimento de que o jornalismo corresponde a um método de percepção e narração da realidade, conectado ao interesse público, demarcado por códigos deontológicos e modos de fazer burilados ao longo de 400 anos. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida entre as experiências na disciplina de Ética e Legislação Jornalística em cursos de Jornalismo de Mato Grosso.

Palavras-chave: Jornalismo; Ensino de Jornalismo; Ética.

BREVE COSTURA SOBRE DIDÁTICA E ENSINO-APRENDIZAGEM DE JORNALISMO

O processo de ensino-aprendizagem não é linear. Trata-se de exercício constante de ir e vir, ver e rever etapas que medeiam conhecimento. Grosso modo, o professor não pode prever graus de êxito de uma experiência didática. É um processo de tentativa e erro, próprio do ciclo da docência. Assim, Libâneo (2006, p. 18) nos ensina que:

As formas que assume a prática educativa, sejam intencionais, formais ou não formais, escolares ou extra-escolares, se interpenetram. O processo educativo, onde quer que se dê, é sempre contextualizado social e politicamente; há subordinação à sociedade que lhe faz exigências, determina objetivos e lhe provê condições e meios de ação.

Nesse sentido, a cada semestre, o professor percebe padrões, vícios e virtudes imanentes à mediação do conteúdo, o que funciona e não funciona em cada contexto. Desse modo, existem duas possibilidades ao docente: 1) se acomodar, reproduzindo modelos consagrados no senso comum professoral; e 2) inovar, se apropriando de fragmentos de práticas pedagógicas mescladas às suas vivências em sala de aula e ao contexto discente. A última opção é a que nos guia. Não é fácil e nem cômoda, mas a

¹ Mestre em Estudos de Linguagem e graduado em Comunicação Social (habilitação Jornalismo) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)/Cuiabá. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)/Alto Araguaia. E-mail: prof.gibranluis@gmail.com

² Mestre em Educação e graduado em Comunicação Social (habilitação Jornalismo) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)/Cuiabá. Professor do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)/Alto Araguaia. E-mail: rafael_jornal@unemat.br

mais gratificante. Acreditar em uma didática possível, que valorize a experiência e o processo, sem modelos pré-determinados, é um salto de fé – em um sentido laico, que remete à aposta – ou uma questão de perspectiva? Afinal,

[...] tudo aquilo que os educadores tomam como erro, como desvio ou malogro da rota escolar, penso que se trata da expressão mais genuína e legítima da vida nas escolas. [...] não estou afirmando que seja algo bom ou ruim. O que acontece no ambiente escolar tem que ser tomado como objeto de instigação do pensamento. (SAYÃO, AQUINO, 2004, p. 93)

A abertura para desenvolver estratégias didáticas alternativas é complexa no ensino superior brasileiro contemporâneo, levando-se em consideração variáveis como: prazos apertados para ministrar disciplinas complexas, dispersão do interesse estudantil frente à facilidade de acesso à informação e comunicação via *internet*; jornada do alunado – trabalho durante o dia e estudos à noite; muitos ingressantes com dificuldades em questões básicas, herança de um ensino médio calcado em reproduzitivismo. A maioria das variáveis indica a ideia de que o professor deve se colocar no lugar do aluno e se perguntar sobre o que faria ou como gostaria de estudar se estivesse no lugar dele.

Cada professor terá uma resposta diferente, a cada momento, sobre o universo de cada um de seus alunos. É fundamental uma reflexão que leve a um prognóstico que sirva de base para a elaboração de uma cartografia para o ensino – ou mapa didático – que leve em consideração problemáticas coletivas e individuais partilhadas pelos atores do palco da sala de aula. Parece pouco prático e um tanto utópico se levarmos em consideração que falamos sobre o ensino superior como um todo, e não somente dos cursos de licenciatura, que se articulam em formação técnico-científica e formação pedagógica de viés técnico-prática (LIBÂNEO, 1990). Os cursos de bacharelado não possuem formação técnico-prática em docência. Até mesmo em programas de pós-graduação vinculados a esta modalidade não há formação específica nesta linha, apenas um modelo de estágio-docência calcado em reprodução ou “siga o mestre”. Existe um ciclo formativo para pesquisadores e não para educadores. Para Gil (2010, p. 5)

Cabe considerar também que a maioria dos professores universitários não dispõe de preparação pedagógica. E também, que, ao contrário dos que lecionam em outros níveis, muitos professores exercem duas atividades: a de profissional de determinada área e a de docente, com a predominância da primeira. Por esta razão, tendem a conferir menos atenção às questões de natureza didática que os professores dos demais níveis, que são os que receberam sistematicamente formação pedagógica.

Nesta lógica se insere o curso de Jornalismo. Como nos demais cursos de bacharelado, o de Jornalismo não possui orientação para formar docentes. E isso se repete nos programas de pós-graduação do campo da Comunicação, que apesar da obrigatoriedade do estágio-docência, são espaços em que pouco se discute a lógica de ensino-aprendizagem em Jornalismo fundada em uma dimensão mais contemporânea, enfatizando o processo de aprendizagem em detrimento à centralidade do ensino. Nessa perspectiva, o docente deixa de ser transmissor de conhecimento – figura central –, passando a facilitador de aprendizagem – foco nos estudantes. (GIL, 2010).

É a partir deste modelo calcado em uma abordagem sociocultural (MIZUKAMI, 1985) ou na Pedagogia Progressista libertadora (LIBÂNEO, 1990) que a presente reflexão se aproxima das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Jornalismo, aprovadas pelo Ministério da Educação (MEC)ⁱ em 2013. O documento indica uma formação humanística, ética, técnica, tecnológica e estética que se traduza em atuação crítica, criativa e reflexiva, orientando-se a partir da interdisciplinaridade, diálogo teoria-prática e pedagogia alicerçada na realidade concreta da profissão.

Sendo assim, a disciplina “Ética e Legislação Jornalística” surge como desafio. Além de teórica – o que gera resistência por parte do alunado –, ética não se aprende na universidade. Está entranhada na subjetividade do sujeito e permeada pelas costuras culturais das instituições sociais. O que se propõe é a reflexão sobre dilemas éticos profissionais e seus códigos deontológicos inscritos ou ocultos, como nos lembra Christofoletti (2008, p.11): “[...] A ética no jornalismo deve preocupar não só quem produz informação, mas também quem a consome. No jornalismo, a ética ajuda a lembrar o profissional de que há mais matizes entre o fato e seu relato”.

As experiências didáticas narradas a seguir – híbridas, e que em certo sentido apontam para ineditismos em sua arena de atuação – se orientam pelo entendimento de que o jornalismo corresponde a um método de percepção e narração da realidade, conectado ao interesse público, demarcado por códigos deontológicos e modos de fazer burilados ao longo de 400 anos. O agir ética nessa área subentende ainda a responsabilidade da co-construção da realidade e da memória social (KARAM, 2004).

Os relatos que se seguem são fruto da reflexão acerca de um apanhado de práticas pedagógicas relativas à disciplina já mencionada, no âmbito dos cursos de Jornalismo da Universidade de Cuiabá (Unic), em 2013, e da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)/campus Alta Florestaⁱⁱ, em 2015. A seleção se orientou por critérios como variedade de estratégias pedagógicas, nível de participação dos estudantes e assimilação/apropriação de conhecimentos.

DIDÁTICA HUMANISTA EM ALTA FLORESTA

"Ética e Legislação Jornalística" consta do penúltimo semestre (6º) da matriz curricular do curso de Jornalismo da Unemat. Inclui discussões sobre ética e moral, direito constitucional à informação, leis e códigos sobre a profissão, política e liberdade editoriais, democratização da mídia, sensacionalismo, relação entre denúncia e comprovação e leitura crítica dos meiosⁱⁱⁱ. As práticas pedagógicas mais significativas desenvolvidas com a turma especial de Alta Floresta (pelo professor mestre Gibran Luis Lachowski), entre meados de agosto e início de setembro de 2015, foram: enquete via vídeo; bate-papo com artistas locais; e confecção de edição de jornal-laboratório.

A produção de vídeos ocorreu no segundo encontro com a turma (dos 15, totalizando 60 horas/aula, sendo cada um de quatro horas). Fundamentou-se na entrevista jornalística de tipo enquete, feita com os próprios estudantes, a partir de uma única pergunta ("O que é ética para você?"). Contou com o uso de *smartphones*, em seguida projeção das respostas, registro de palavras-chave no quadro, ponderações docentes e discentes. Provocou deslocamento da sala de aula para o pátio do *campus*, ampliando o conceito de espaço físico didático referencial.

O exercício serviu para compreender as conceituações empíricas e pessoais dos alunos, apreendidas de nove vídeos, produzidos por equipes de duas a três pessoas. O entendimento sobre ética pode ser sintetizado em algumas frases recorrentes: "Conjunto de práticas que podemos ter em relação às pessoas e à sociedade"; "Fazer aquilo que se julga certo, conforme costumes morais"; "Estudo de diversas culturas para tentar entender o que é moral e o que é imoral, sem julgamento, mas buscando compreensão"; "Vem de berço"; "O que é ético para mim não é para você"; "Muitas vezes algo é legal, mas não é ético"; "Noticiar o que verdadeiramente aconteceu, sem subterfúgios"; "Quando não há sensacionalismo nem favorecimento".

A atividade corroborou com o processo de transição das impressões genéricas para a primeira carga acadêmica referente à ética e moral, evidenciando pontos de ligação com os conceitos mais elaborados, assim como possibilitando apontar convicções pueris. Nesse sentido, contribuiu com a passagem da "curiosidade ingênua" para a "curiosidade epistemológica", vez que, conforme Freire (1996, p. 29):

[...] pensar certo tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação, quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso do

educador com a consciência crítica do educando, cuja ‘promoção’ da ingenuidade não se faz automaticamente.

O exercício preparou caminho para a compreensão de ética como princípios, regras, costumes, valores e condutas que regem grupos humanos em contexto temporal, geográfico, cultural, que tende ao universal, e o entendimento de que moral é tradução prática da ética, efetivada em comportamento. (ARANHA, 1993; CHAUI, 2000).

O bate-papo com artistas locais, membros do Teatro Experimental de Alta Floresta (Teaf), partiu de uma atividade em sala de aula, relativa à sugestão de pautas para o jornal-laboratório, cujo processo de elaboração será detalhado à frente. Correspondeu ao oitavo encontro da turma, na sede do grupo teatral, durante uma noite de apresentação aberta ao público. Acompanhou-se uma adaptação do clássico “Dom Quixote”^{iv} e depois ocorre uma conversa envolvendo acadêmicos e atores, conectando a com o conceito de ética e suas aplicações ao jornalismo, despontando o sentido universal da obra de Cervantes, do homem que se bate contra as injustiças do mundo.

Entre os trechos do bate-papo, destaque para a concepção do teatro como algo que vai além do espetáculo, porque a arte retroalimenta a atuação social, assim como o jornalismo é compromisso e está ligado a uma “ética do fazer”. Ressalte-se, também, a compreensão de que jornalismo e teatro são campos de atuação que, de alguma forma, buscam “afetar” a sociedade. Sublinhe-se, ainda, a menção de que no norte de Mato Grosso, onde se situa Alta Floresta (população estimada em 49.991 – IBGE/2015)^v, região marcada por ciclos econômicos de exploração de recursos naturais, como minério de garimpo e madeira, há muitos “controles e correntes ideológicas”, situação que atinge a prática jornalística, instância inclusive usada para reproduzir um discurso elitista, colonizador. Houve registro fotográfico e postagens em perfis do Facebook^{vi}.



Ilustração 1 Estudantes do 6º de Jornalismo da Unemat/Alta Floresta e atores do Teaf posam para foto após bate-papo sobre ética; cena da peça “Dom Quixote” (Acervo da turma).

Tais pensamentos remetem, no campo jornalístico, ao interesse público. O termo está expresso no artigo 2º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, indicando que o “acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental”. E também aparece no artigo 3º, no que tange à conduta profissional do jornalista, posto compreender “uma atividade de natureza social”, sendo dever do trabalhador da notícia “divulgar os fatos e as informações de interesse público”. (FENAJ, 2007, p.1).

Em termos pedagógicos, o “encontro com o teatro” e com os atores, pode ser enxergado como experiência de ensino-aprendizagem que amplia o conceito de sala de aula, vez que se lança para fora do espaço físico convencional e, mais, para além do *campus* universitário, estabelecendo nexos com o conteúdo programático. Intentou-se uma aprendizagem significativa, ainda que um palco de teatro não seja um local de atividade jornalística, tal qual uma redação de jornal, subentendendo um possível lugar de atuação profissional, pois o foco do jornalista desloca-se conforme a pauta. Assim,

[...] tão importante como a sala de aula onde se ministram aulas teóricas na universidade e os laboratórios onde se realizam as aulas práticas, são os demais locais onde, por exemplo, se realizam as atividades profissionais daquele estudante [...] Estes ‘novos’ espaços de aula são muito mais motivadores para a aprendizagem dos alunos, muito mais instigantes para o exercício da docência porque envolvem a realidade profissional de ambos e como tal são complexos, facilitam a integração teoria e prática, são imprevisíveis, exigem inter-relação de disciplinas e especialidades, desenvolvimento de competências e habilidades profissionais, bem como atitudes de ética, política e cidadania. (MASETTO, 2003, p. 6).

Corroborando com essa visão o fato de o bate-papo ter transbordado para uma outra experiência pedagógica, a saber, a elaboração de uma edição do jornal-laboratório do curso (“O Jornaleiro”), que trouxe para a página 2 uma crônica intitulada “Por amor às causas perdidas”, assinada pelo acadêmico Júnio Garcia da Silva. Foi uma referência à relação quixotesca entre os ofícios artístico e noticioso, como se vê neste trecho:

O Jornalismo e o Teatro às vezes se confundem com Dom Quixote e Sancho Pança. Por vezes um encoraja e vice-versa. Há moinhos de vento nos caminhos de ambos. E há dois caminhos: enfrentá-los ou fugir. E logo se ouve: Vamos, Sancho! Prepare minhas armas. (SILVA, 2016, p. 2)

A confecção da edição número 5, de setembro de 2015, do jornal-laboratório “O Jornaleiro”^{vii} buscou conectar a elaboração do impresso com o conteúdo de “Ética e Legislação Jornalística”, sendo a prática pedagógica mais significativa entre as

desenvolvidas. Pela complexidade do processo, que englobou concepção (revisão da linha editorial e do planejamento gráfico e elaboração das pautas), realização (apuração, redação e edição) e avaliação (individual e de cada equipe de trabalho).

Pela distribuição dos 25 acadêmicos, em cinco editorias (com editor, repórter, fotógrafo e diagramador), com um editor-chefe (para auxiliar professor no gerenciamento das ações) e um grupo de fechamento (que garantiu o cumprimento do planejamento gráfico e a revisão do material, efetuando uma segunda incumbência). E pelo tempo restrito em que o processo se desenrolou, do sétimo ao décimo quinto encontro, incluindo impressão e distribuição em sala. Alguns registros abaixo^{viii}:



Ilustração 2 Estudantes do 6º de Jornalismo da Unemat/Alta Floresta durante processo de confecção do jornal-laboratório (Acervo da turma).

Inicialmente, definiu-se por meio de votação que o jornal ampliaria o foco para a cidade de Alta Floresta, tornando o assunto Unemat uma das editorias, que, por sua vez, foi a manchete da edição e internamente ocupou a página 5, com a denúncia de que faltavam salas de aula para os acadêmicos. Manteve-se o formato tablóide, oito páginas, e estimulou-se a produção de conteúdos em diversos gêneros, pois as edições anteriores foram conduzidas pelos próprios acadêmicos, sem acompanhamento docente (em decorrência de o curso ter disciplinas modulares), o que explica a reestruturação da proposta editorial, incluindo planejamento, apuração, redação e edição.

Após reuniões em grupo, estruturou-se o restante das editorias – “Opinião” (página 2), “Cidade & Sociedade” (3), “Educação” (4), “Entrevista” (6), “Cultura” (7) e “Fragmentos da floresta” (8; ensaio fotográfico) – e houve sugestão de pautas. A

socialização das propostas recebeu ponderações do professor no sentido de assegurar a centralidade da ética na condução do processo, pelo esforço em equilibrar a apresentação da realidade, evitando a prevalência de fontes oficiais (TÓFOLI, 2008), e pelo levantamento de informações via trabalho de campo, prioritariamente, em contato direto com pessoas e situações (KOTSCHO, 2005).

Cobrou-se dos editores cumprimento de prazos, capacidade de liderança junto às equipes e qualidade dos materiais entregues à edição geral. E nesse aspecto, recorrendo-se a Pereira Junior (2006), foram ressaltados seus papéis gerenciais quanto aos profissionais, à direção do veículo, ao setor comercial, ao departamento de *marketing*, à linha editorial, ao interesse jornalístico, aos múltiplos atores sociais que participam da notícia e, sobretudo, ao cidadão/leitor, como deve ser em qualquer meio noticioso.

Os demais membros das equipes externaram, na reunião de avaliação do processo, as dificuldades enfrentadas, entre elas: transformar as pautas em textos capazes de focar elementos de interesse público; conjugar imagens que dialogassem com os eixos das notícias; e garantir factualidade aos assuntos cobertos. Por outro lado, destacaram a importância da experiência, por conta da pressão do prazo de fechamento, da constante exigência por melhor qualidade do material e do ambiente de seriedade com que o trabalho foi realizado. Ficou evidente, assim, que o exercício de fazer o jornal-laboratório aproximou os acadêmicos da rotina da profissão, posto que

Não há dúvida de que a matéria-prima do jornalismo é a notícia, mas em se tratando do processo ensino-aprendizagem, o cotidiano do ponto de vista profissional deve ser praticado de forma que permita ao aluno assimilar com singularidade o conceito de jornalismo em suas várias etapas de produção e difusão. (VIEIRA, 2002, p. 304).

Contribuiu para o êxito da citada prática pedagógica o fato de os estudantes já terem passado por algumas disciplinas fundamentais na compreensão da dinâmica do jornal-laboratório, como “Planejamento Gráfico”, cujo conteúdo havia sido ministrado pouco antes da proposta de se fazer uma nova edição do impresso.

A DRAMATIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO

Como abordar questões de ética e legislação jornalística que por muitas vezes são teóricas e maçantes para uma turma volumosa, que trabalha durante todo o dia e estuda à noite, que já está se inserindo no mercado jornalístico sem uma bagagem mais

densa – o famoso estudante que ganha salário de estagiário, mas desenvolve tarefas do jornalista formado – em uma instituição particular de ensino superior? Esta foi a pergunta que deu origem às atividades didáticas alternativas desenvolvidas pelo professor mestre Rafael Rodrigues Lourenço Marques a uma turma do 5º semestre de Jornalismo, na disciplina “Ética e Legislação Jornalística”, ministradas no primeiro semestre de 2013.

A turma contava com 26 alunos, portanto, considerada numerosa para os padrões do curso de Jornalismo em nosso país. Durante o semestre a estrutura do conteúdo avaliativo foi organizada da seguinte forma: trabalhos processuais – redações, fichamentos e lista de questões –, seminários – dois por semestre – e provas – também duas. A maioria das aulas foi estruturada conforme modelo expositivo dialogado (ou exposição-discussão), conforme Gil (2010). No entanto, este modelo por si só não basta para pensar a aprendizagem em turmas numerosas. Existe alta participação, mas há os pontos cegos entre os discentes: alguns não se envolvem no processo.

Para superar esta dinâmica – em que apenas alguns alunos se envolvem como protagonistas de sua aprendizagem – optou-se por intercalar as aulas expositivas com outras atividades: leitura e apresentação textual, dinâmicas grupais e dramatizações. Esta última perspectiva metodológica foi a que mais prosperou no semestre em questão e motivou aqui seu relato. Conforme Gil (2010), a dramatização é uma variação do *Role play* (jogo de interpretação), fundamentado na Teoria do Psicodrama. Conforme o autor:

[...] do ponto de vista educacional, pode-se definir dramatização como um método para o desenvolvimento de habilidades mediante o desempenho de atividades em situações, semelhantes àsquelas que seriam desempenhadas na vida real. É possível simular, por exemplo: uma entrevista de seleção, uma acareação policial, a venda de um produto, uma exposição, uma orientação acerca da utilização de métodos contraceptivos, etc. (GIL, 2010, p. 191).

Foram duas atividades baseadas na técnica da dramatização, uma a cada bimestre: 1) sobre o Código de Ética e sua relação com o cotidiano dos estudantes; 2) sobre programas jornalísticos de viés sensacionalista. Na primeira atividade, foi solicitado aos alunos que improvisassem pequenas cenas/esquetes com base em três artigos do código, que seriam escolhidos a partir de suas vivências na área profissional (estágio).

Além de mediar o cotidiano do aluno com o texto deontológico, a atividade obteve *status* de desabafo ou terapia coletiva, pois encenariam questões vivenciadas – como assédio moral e percepção de erros de profissionais da área – sem dar nomes

aos "bois". Foi uma boa oportunidade para o estudante assimilar o conteúdo e partilhar suas certezas e incertezas. Trata-se dos chamados Jogos de Simulação, que conforme Gil (2010, p.194) "[...] são aqueles em que os participantes são colocados frente a desafios que reproduzem a realidade do seu dia-a-dia". Ainda, entende-se conforme Firmo (2010), que o teatro pode colaborar no campo educativo na medida em que

É na educação, em seu sentido amplo, geral e irrestrito, que o teatro pode oferecer a sua mais importante colaboração. Educação significando o desenvolvimento do homem em todas as suas potencialidades; o aprimoramento cognitivo, mas sem descuidar das esferas afetivas, emocionais, morais e sociais. (FIRMO, 2010, p. 91).

Nada foi nada avisado de antemão aos alunos, a fim de apreender uma autenticidade das manifestações. A proposta foi feita no início da aula e eles deveriam se ocupar de 2/3 do horário do dia para pensar, preparar e ensaiar a encenação. A turma foi dividida em quatro grupos. Após a preparação, os alunos se apresentaram em sala, partilhando as experiências, revezando entre a representação teatral e o público. Para esta atividade, optou-se pelo registro fotográfico^{ix}. Abaixo, algumas delas:



Ilustração 3 Encenações dos alunos do 6º semestre de Jornalismo da Unic – período 2013/01.

As encenações deram destaque ao “não dito” dentro do campo jornalístico. Temas como *lobby* político, assédio, preconceito, aceite de presentes, matérias pagas, chantagem, exploração de estagiários e abuso de poder foram destaques. Tudo calcado em situações presenciadas pelos acadêmicos no mercado. Interessante notar que vários alunos, que antes não participavam das atividades, se destacaram no palco.

A segunda atividade, desenvolvida no segundo bimestre de 2013/01, voltou-se para o sensacionalismo, que de acordo com o “Dicionário de Comunicação”, diz:

1. Estilo jornalístico caracterizado por intencional exagero da importância de um acontecimento, na divulgação e exploração de uma matéria, de modo a emocionar ou escandalizar o público. Esse exagero pode estar expresso no tema (no conteúdo), na forma do texto e na apresentação visual (diagramação) da notícia. O apelo ao sensacionalismo pode conter objetivos políticos (mobilizar a opinião pública para determinar atitudes ou pontos de vista) ou comerciais (aumentar a tiragem do jornal). [...] 2. Qualquer manifestação literária, artística etc, que explore sensações fortes, escândalos ou temas chocantes, para atrair a atenção do público. (RABAÇA, BARBOSA, 2002, p. 89).

O mesmo modelo de planejamento foi adotado para esta nova iniciativa de dramatização. Novamente, quatro grupos se articularam para a interpretação. Desta vez o foco foi interpretar e se apropriar daquilo que é inadequado à deontologia jornalística. Grosso modo, foi uma chance de refletir sobre modelos éticos, mimetizando o grotesco. Nesta oportunidade, o registro foi feito em vídeo e compartilhado em um canal no Youtube^x. Os grupos optaram pela dramatização de telejornais sensacionalistas, com maior ou menor variação em sua estrutura: âncora afetado, repórter em meio à ação, comentarista radical, relação com as fontes, cobertura de sequestros.



Ilustração 4 Recortes dos vídeos, com encenações sobre jornalismo sensacionalista.

Ao fim do semestre, as atividades propiciaram uma maior integração dos alunos ao conteúdo trabalhado em sala de aula. Além disso, em análise do processo avaliativo percebeu-se, conforme visão de Gil (2010): desenvolvimento da autonomia do indivíduo na construção do coletivo – a relação do aluno com outro, da compreensão de seu papel; *feedback* do conteúdo – apropriação conforme sua realidade e visão de mundo;

aprendizado ativo – os alunos ficaram mais interessados em buscar novos materiais sobre os temas; motivação – o engajamento para desenvolver o trabalho despertou interesse; sociabilidade – percepção do outro; gradualismo – aprendizado em escalas graduais; transferência – se colocar no lugar do outro ou em outras situações; e autoavaliação – percepção de que poderiam melhor, evoluir e refletir para tal.

FECHANDO AS PONTAS SOLTAS

É no processo de ensino-aprendizagem, no fazer em sala de aula que surgem as inovações. Pensar monoliticamente o ensino superior, como se a sala de aula fosse uma caixinha onde depositamos conhecimento é um equívoco, conforme Freire (1996) em sua crítica à educação tecnicista, chamada por ele de “Educação bancária”. Nesse sentido, as experiências relatadas aqui não servem como um manual a se seguir ou uma receita de bolo. Cada experiência é única, autêntica e jamais poderá ser repetida. Cada combinação de alunos é especial, diferenciada por aleatorizar perfis a cada semestre: se o controle é impossível, o espaço para a criatividade é possível.

Se o docente estiver aberto para as possibilidades, ensinar – e aprender – será tão possível quanto a imaginação permitir. E é bom lembrar que o aprendizado não pode ser quantificado. Nesta lógica, devemos pensar uma avaliação processual, integrada e mutante, que se adapte e evite cristalizações. Útil ao docente, para que possa mapear os territórios simbólicos da sala de aula – afinal, uma prova não é só direcionada ao aluno.

Quando se falou de inovação no início desta reflexão, não foi no sentido de “quebra total de uma cultura precedente”, negando aquilo que é estável no campo da Educação Superior. Não foi falado sobre uma geração X ou Y, rotuladas equivocadamente pelo senso comum ou um “culto ao novo”, representada por determinada tecnologia, em detrimento ao humanismo e tradição. Entende-se aqui a inovação didática em um sentido criativo, interessante e alternativo. Mutante a cada semestre, pois um professor engessado/cristalizado imobiliza também seus alunos. Investimento em empolgação, vontade e desejo por parte do professor são questões fundamentais. Que cada aula seja diferente a cada ano que passa e que o docente tenha prazer em lecionar. Que ele possa sonhar. Lembrando Alves (2003, p. 77),

Não, o problema fundamental da nossa educação não é a falta de recursos. O problema está em que não sabemos mais sonhar. Recursos abundantes nas mãos daqueles que se esqueceram de sonhar só

podem produzir a morte. Muito saber sem amor é estar possuído por demônios.

Pesada referência, poética e realista ao mesmo tempo: falta de recursos não é desculpa para ausência de iniciativa criativa. Sofre por antecipação aquele que não se implica na tarefa que se propôs a realizar e não fomenta o potencial transformador da ação educativa. Conforme Aquino em diálogo Sayão (2004, p. 79),

A autoridade moral do professor é resultado dos esforços destinados ao outro. Não a um outro qualquer. O trabalho pedagógico, nesse caso, implica uma transformação de natureza discursiva, ou seja, ao mesmo tempo intelectual e existencial. Não é verdade que o conhecimento nos torna criaturas menos toscas? Por esta razão, o trabalho docente é exercício de apreço à condição humana. Quem é o profissional ético? É aquele que se entrega com fervor àquilo que escolheu fazer todos os dias, tendo sempre o outro como destinatário da sua própria vida.

Nesse sentido, podemos entender que em tempos de “ensimesmamento” social, quando os sujeitos se individualizam em busca de capitais que possam satisfazer desejos pessoais, tecer laços de solidariedade intelectual frente a uma ação conduzida ao coletivo – a docência – e apostar no potencial do outro – sem saber quais serão os desdobramentos futuros – são ações revolucionárias. Façamos diferente.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Conversas sobre educação**. Campinas: São Paulo, 2003.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.
- CHAUÍ, Marilene. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas do Brasil**, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FIRMO, Yandra. **O psicodrama**: Uma estratégia contra o racismo. (Dissertação de Mestrado). Cuiabá: PPGE/UFMT, 2010.
- GIL, Antônio Carlos. **Didática do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2010.
- KARAM, Francisco José. **A ética Jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2005.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

MASETTO, Marcos T. Docência universitária: repensando a aula. In: TEODORO, Antônio. **Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia pela curiosidade da formação universitária**. Cortez: Mackenzie, 2003.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino-aprendizagem: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1985.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis: Vozes, 2006.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

SAYÃO, Rosely; AQUINO, Julio Groppa. **Em defesa da escola**. Campinas: Papyrus, 2004.

SILVA, Junio Garcia da. Por amor às causas perdidas. **O Jornaleiro**, Alta Floresta, p. 2, set. 2015.

TÓFOLI, Luciene. **Ética no jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

VIEIRA JÚNIOR, Antônio. **Uma pedagogia para o jornal-laboratório**. Tese de doutorado. São Paulo: USP/ECA, 2002.

i Disponível em: < http://www.fenaj.org.br/educacao/novas_diretrizes_curriculares_jornalismo.pdf >. Acesso em: 23 mar. 2016.

ii Turma Especial, com aulas modulares ministradas por professores originários do curso regular de Jornalismo do campus de Alto Araguaia, que também estabelece a matriz curricular da área na instituição.

iii Disponível em: <http://www.aia.unemat.br/wp-content/uploads/matriz_curricular_semestres.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2016.

iv Clássico da literatura mundial, de autoria de Miguel de Cervantes, com volumes publicados entre 1602 e 1615, cujo protagonista – um fidalgo decadente que perde o senso ao mergulhar em histórias de cavalaria –, conforme o viés da crítica, é tido como um lunático ou como um exemplo de busca pela justiça.

v Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510025&search=mato-grosso|alta-floresta> >. Acesso em: 23 mar. 2016.

vi Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1017371634960544&set=t.100002827849959&type=3&theater>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

vii Disponível em: <https://issuu.com/anniebrissow/docs/o_jornaleiro>. Acesso em: 30 mar. 2016.

viii Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1651199908500608&set=pb.100008318430674.-2207520000.1459926587.&type=3&theater>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

ix Disponível em: <https://www.facebook.com/rafael.marques.prof/media_set?set=a.4345497806559.1073741826.1560951216&type=3>. Acesso em: 23 mar. 2016.

x Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g5RkMrF67eQ>>; <<https://www.youtube.com/watch?v=aYQPSsQV4wo>>; <<https://www.youtube.com/watch?v=YDWnTNrMJGo>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

Artigo recebido em 11/08/2019 e Aprovado para publicação em 09/09/2019.